

AMOR ROMÂNTICO: CRÍTICA DE JEAN-PAUL SARTRE

ROMANTIC LOVE: CRITICISM FROM JEAN-PAUL SARTRE

Sara Campagnaro¹
Ana Claudia Ribeiro Semensato²
Jorge Antônio Vieira³

CAMPAGNARO, S.; SEMENSATO, A. C. R.; VIEIRA, J. A. Amor romântico: crítica de Jean-Paul Sartre. *Akrópolis* Umuarama, v. 21, n. 1, p. 17-24, jan./jun. 2013.

RESUMO: A partir do resgate histórico da configuração do amor romântico, observa-se que este se estabeleceu na cultura ocidental sobre a noção de que o ser humano vivencia a sua completude neste tipo de sentimento. Encontrar alguém para fundir-se amorosamente passa a ser um objetivo primordial da vida humana, baseado nos ideais de sentimento eterno e de permanecer com o amante até a morte. É no cerceamento da liberdade inerente a condição humana (ser-Em-si) e nos princípios de incompletude da existência que o ser-Para-si é lançado às possibilidades do existir. A partir da obra de Jean-Paul Sartre “O Ser e o Nada”, este artigo busca realizar uma crítica à ideologia do amor romântico, a partir da filosofia sartreana. Evidencia-se a forma do amor romântico como um projeto irrealizável, produzindo relações sado-masoquistas fundadas no ódio e sofrimento. Dessa maneira, discutir o tema do amor romântico frente o existencialismo sartreano possibilita a aproximação e a formação do pensamento crítico diante de um sentimento constantemente reafirmado na cultura ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Amor romântico; Sartre; Liberdade; Relação sado-masoquista.

ABSTRACT: From the historical review of the configuration of romantic love, it is observed that this kind of love was established in the western culture the notion that humans experience their completeness in this kind of feeling. Find someone to merge lovingly becomes a primary goal of human life, based on the ideals of eternal feeling and staying with the lover until death. It is in the curtailment of freedom inherent in the human condition (being-In-itself) and in the principles of incompleteness of existence that the being-For-itself is released to the possibilities of existence. From the work of Jean-Paul Sartre “Being and Nothingness”, this paper tries to perform a critique of the ideology of romantic love from Sartre’s philosophy. This study highlights the form of romantic love as an unfeasible project, producing sadomasochistic relationships founded on hatred and suffering. Thus, the discussion of the romantic love theme from Sartre’s existentialism enables the approach and formation of a critical thinking face to a feeling constantly reaffirmed in western culture.

KEYWORDS: Romantic love; Sartre; Freedom; Sadomasochistic relationship.

¹Graduada em Psicologia; Pós-graduanda em Psicologia Fenomenológico-Existencial da Universidade Paranaense – UNIPAR. Endereço: Rua Almirante Tamandaré, 754. CEP: 85901-210, Toledo/Pr. E-mail: campagnaro4640@gmail.com

²Graduada em Psicologia; Pós-graduanda em Psicologia Fenomenológico-Existencial da Universidade Paranaense – UNIPAR. Endereço: Rua Bararuba, 3754, CEP: 87503-040, Umuarama/Pr. E-mail: anaa_c_76@hotmail.com

³Doutor em Filosofia; Docente do curso de Psicologia e do curso de Pós-Graduação em Psicologia Fenomenológico-Existencial da Universidade Paranaense - UNIPAR; Orientador. Endereço: Rua Leonildo Stecca, 2589, ap. 32, CEP: 87504-580, Umuarama/Pr. E-mail: jvieira@unipar.br .

Recebido em Abril de 2013
Aceito em Junho de 2013

INTRODUÇÃO

Falar em amor romântico frente à filosofia sartreana é evidenciar o conflito permanente entre os dois objetos de estudo, sendo eles a cultura do amor romântico vivenciada pela sociedade ocidental e o pensamento sartreano. Jean-Paul Sartre posiciona o amor dentro das relações concretas que o sujeito experiencia ao longo de sua existência, ressaltando a necessidade de preservação do Para-si frente essa relação. Em contrapartida, uma das questões que fundamentam o amor romântico é a unificação dos amantes em “um só”, ou seja, a fusão dos “eus”.

Sobre a unificação postulada pelo amor romântico o filósofo francês discorre que “esse ideal irrealizável (...) não é assimilável ao amor, na medida em que o amor é um empreendimento, ou seja, um conjunto orgânico de projetos rumo a minhas possibilidades próprias” (SARTRE, 2011, p.456-457). É a partir deste conflito de amor irrealizável e projetos possíveis que este artigo visa a demonstrar inicialmente a forma como a ideologia do amor romântico vem historicamente delimitando os espaços do relacionamento amoroso, conceituando-o e caracterizando-o perante a cultura ocidental. Dessa forma, uma das principais obras de Sartre *O Ser e o Nada* (2011) é utilizada como base da discussão, em que faz-se um contraponto com um dos temas centrais da filosofia sartreana de liberdade e do poder do olhar do outro sobre o sujeito, aborda-se o tema na perspectiva do conflito do ser-Em-si, e do ser-Para-si e da relação sadomasoquista que o amor romântico implica.

O AMOR ROMÂNTICO

Diferentes são as formas de se relacionar amorosamente, muitas delas ligadas à: negociações, status, desejo carnal, leis, romantismo, um encontro de almas, entre outras. Em nossa cultura ocidental, como aponta Branden (2002), o vínculo amoroso está ligado ao ideal de amor romântico que leva a crer na unificação de duas pessoas em uma só. Em rituais de passagem como o casamento religioso exalta-se a ideia de casais sendo “um só corpo e uma só carne”, dos ideais de alma gêmeas além das complementariedades do tipo “tampa da panela” e “outra metade da laranja”. Desta maneira será apresentada a seguir uma contextualização do

amor romântico e suas mudanças ao longo do tempo.

Resgatando o amor em sua historicidade temos a cultura greco-romana como uma das primeiras a formular o significado do termo a partir de sua mitologia. Outras culturas tão antigas quanto esta também deram sentido ao amor, porém como afirma Braz (2005), é no mito grego de Eros que nossa cultura ocidental se baseia ao tratar da relação amorosa e de como os casais se relacionam e compreendem suas relações. Por este fato torna-se importante iniciar a compreensão sobre o amor romântico a partir de tal conhecimento.

O resgate da mitologia grega aparece na filosofia com ênfase no diálogo platônico de “O Banquete”. Considerado um dos textos chave da cultura ocidental, como aponta Braz (2005), o culto ao amor e sua explicação perpassa o texto em um dos momentos em que Aristófanes realiza um elogio ao deus Eros. Ele é tido como aquele responsável pela alegria dos seres na Terra, visto como filantropo e cuidador dos humanos. Em Platão (2000), o amor mútuo é retratado como inato ao ser humano, este que passa a maior parte de sua vida na busca pela sua metade perdida. É por meio da simpatia pelo outro que a união mútua ou fecundação, ocorre, fazendo com que dois seres se curem dos males da separação a que foram submetidos fundindo-se em um só ser. Enquanto estiverem unidos, vivendo uma vida comum e se construindo juntos, sua totalidade começa a ser cada vez mais forte, gerando um sentimento denominado amor. O conceito de alma gêmea, da necessidade de fusão inicia-se a partir de mitos como o de Eros e textos como o platônico “O Banquete”, no qual a cultura ocidental se apoia no ideário de amor romântico. Assim, os humanos somente serão felizes após encontrarem essa outra metade perdida, sendo que essa união apenas acontecerá por intermédio do amor. Em “O Banquete” o amor sexual é sublimado sendo associado à beleza, ao bem, à sabedoria e ligado ao mundo das ideias (PRETTO, MAHEIRIE e TONELI, 2009).

Tem-se a partir desse entendimento sobre a mitologia grega uma das primeiras concepções de que o ser humano precisa encontrar um complemento no outro para ser feliz eternamente. Para Simmel (2001), o sujeito que ama acredita que sua vida está única e exclusivamente mediada e a serviço do amor do outro. Sendo

que este tipo de relação leva os indivíduos a vivenciarem uma situação trágica por sentirem a necessidade de fundir-se com a pessoa amada, constituindo-se em uma só pessoa. A ideia de fusão a partir de um relacionamento pertence então ao amor romântico, que traz o sentimento amoroso como o principal fio condutor de uma união. Neste caso, uma relação pautada nos princípios do amor romântico seria aquela em que este sentimento seria representado como uma disposição de ver o amado como um espelho, uma personificação dos valores individuais mais profundos, e conseqüentemente, fonte de toda a alegria vivida.

Com o passar dos tempos o conceito de amor romântico foi sofrendo transformações, adequando-se às necessidades sociais, culturais e ideológicas dos diversos povos. Como afirma Francisco (2008), o sentimento amoroso é um constructo social do qual todos fazem parte, pois depende diretamente das relações interpessoais. Igualmente, para Bozon (2005 apud OLTRAMARI, 2009), a compreensão do que é amor romântico deve surgir de uma prática social, pois é a partir das trocas de informações e do contato com o outro que as pessoas passam a se conhecer e a criar passo a passo uma relação amorosa. Esta forma de vivenciar o amor com base no romantismo é construída socialmente a partir da comunicação e interação entre as pessoas, sendo que na maior parte do tempo tratam-no como se tivesse criação própria, não tendo explicação, o amor simplesmente acontece. O que faz com que a prática social do amor seja esquecida e é exatamente por ela que a forma de vivenciar o amor romântico muda, pois as pessoas, a sociedade, as interações modificam e com elas a vivência amorosa também passa por alterações.

Com base nas mudanças sociais o amor romântico passou por diversos períodos, durante o século XII, por exemplo, a recusa pelas normas e padrões estabelecidos pela igreja aparece enfatizado pelo amor cortês em que segundo Pretto et al. (2009), a mulher aparece como objeto de amor inalcançável. É neste período que muitos trovadores e poetas cantavam seu amor pelas mulheres amadas que na maioria dos casos eram casadas ou de classes abastadas, sendo que amar então era visto como sofrimento e desejo insatisfeito. As facetas do amor romântico voltam a se reconstruir a partir do momento em que as classes burguesas do

ocidente revolucionam o contexto da afetividade, trazendo mudanças sociais importantes. Para Dubys (1998), a sociedade descrita passou a exigir que o casamento fosse relacionado ao amor, este que até então ficava reservado aos amantes e vivências fora da vida conjugal. Assim, o amor vivenciado desde aquelas datas até os dias atuais de acordo com Branden (2002), é baseado nos princípios do matrimônio e da fidelidade. Concepção essa que surge a partir do século XVIII, se solidificando no século XIX, em um contexto cultural que pregava e valorizava a felicidade individual a partir do advento da revolução industrial e do capitalismo.

Essa busca pela individualidade acaba por acarretar problemas ao relacionamento humano, o que para Luhmann (1991), gera um impasse justamente pela maneira como o pensamento das pessoas ainda se encontra atrelado ao amor romântico, fazendo com que continuem na busca por alcançá-lo. Já para Costa (1999 apud PRETTO et al. 2009), o amor romântico apenas se difundiu em que as regras da satisfação emocional individualista foram tomadas como parte importante da cultura, principalmente na sociedade burguesa. Percebe-se que apesar de considerados alguns avanços sociais, principalmente no que pauta ao poder de escolha em um relacionamento, os indivíduos seguem com o ideal de amor romântico muito próximo àquele ligado a fusão de dois seres. Encontra-se desta forma uma contradição entre a busca pela liberdade de ter uma relação na qual a individualidade é respeitada e o sentimento de querer possuir o outro com quem se relaciona. Vivenciar um relacionamento sobre as bases do amor romântico, em um momento histórico em que a individualidade é exaltada passa a ser uma contradição vivida pelo o indivíduo da sociedade atual.

SARTRE E A CRÍTICA AO AMOR ROMÂNTICO

Frente as questões apresentadas a respeito do amor romântico, pautamos o lugar que este ocupa na filosofia sartreana, de modo que, ao entender neste pensamento o objeto de estudo como relação concreta com o outro, torna-se importante compreender a dinâmica do sujeito entre olhar e ser olhado. Em "O Ser e o Nada" (2011), compreende-se que o outro é aquele que confere significado ao sujeito, pois o olha e detém o segredo sobre seu ser, fazendo com que

seu mais profundo significado não esteja dentro, mas fora de si. Ele é algo para o outro e este “ser” algo o torna um Em-si, ou seja, um indivíduo limitado à possibilidades e julgamentos. A importância da existência de um indivíduo está então entregue as mãos do outro que o olha e ao pensar ou falar sobre ele acaba por objetivá-lo.

Da mesma forma o autor relata que no momento em que o sujeito é objetividade para o outro, fundamentando seu ser-Em-si, o outro é também objetividade para ele, pois os dois conferem significados um ao outro. Assim, a maneira de se relacionarem possui esse caráter de coisificação do parceiro em algo. Ao trazer o pensamento sartreano Maciel (1986) expõe que face ao outro o sujeito está constantemente em perigo, de modo a não possuir o controle deste olhar e torná-lo sempre admirativo, pois, o mesmo aponta as falhas do sujeito e rouba-lhe a liberdade. É este mesmo sujeito que também tentará inibir a liberdade do outro, tornando-o uma coisa Em-si. Sendo assim, a essência das relações humanas é o conflito. Fazer-se de objeto é a tentativa de encontrar uma forma para amenizar a angústia que nos cabe enquanto Para-si; contudo, para Veríssimo (2009, p.169) “a nossa experiência mais concreta do existente que somos não nos permite descansar nem no repouso plácido e inerte das coisas”.

Cabe compreender, porém, que as atitudes tomadas em relação a si mesmo são de inteira responsabilidade do indivíduo. Percebe-se logo de início a complexidade da relação do ser em presença do outro já que seu significado é dado a partir daquele que se encontra fora de si, ou seja, no mundo, enquanto que as responsabilidades pelas escolhas devem ser tomadas por si próprio. Esta relação não ocorrerá de forma unilateral, mas de forma recíproca e movente, já que enquanto um sujeito tenta livrar-se do domínio de objetivação do outro, este por sua vez também está na mesma busca. O conflito é tido como base original do ser-Para-outro principalmente pelo fato de saber que um possui o olhar sobre o outro, o vendo como este jamais poderá ser visto por si mesmo. A partir do momento em que alguém fala sobre o sujeito lhe conferindo sentido ele então, passa a existir no mundo (SARTRE, 2011).

Tomando consciência destas considerações fica evidente que tendo o outro como fundamento da existência de si, diluir-se nele traria a irremediável desapareção do Para-si. Esta

união em um só não teria como objetivo fazer desaparecer a objetividade conferida por meio do olhar do outro, mas de querer se apropriar dele enquanto outro-olhador, buscando ampliar a visão de si mesmo (SARTRE, 2001). É neste olhar do outro revelado muitas vezes como o redentor do sujeito, que se situa o próprio algoz desde, pois, o outro remete o sujeito a ele mesmo, devolve o olhar, o próprio olhar do sujeito sobre si (VERISSIMO, 2009).

Sartre (2011) explicita que a tentativa de unidade de dois eus é irrealizável, pois em primeira instância tem-se o corpo e o outro como fato de ser-no-mundo. Para dar significado a si precisa-se da relação entre corpo e o que os outros indivíduos dizem sobre ele, sem relação com outras pessoas não há sentido a ser dado, não há como entender-se, significar-se fora desta convivência sujeito-mundo e sujeito-com-outro-sujeito. Desta forma, é importante persistir na negação de ser o outro, para que a alteridade daquele que observa não desapareça e assim o sujeito seja reconhecido por quem ele é.

Como inicialmente observado, uma das concepções mais exaltadas pelo amor romântico configura-se no fato de fundir dois seres em um só, sendo assim, a crítica sartreana aplica-se a média que se observa a importância do outro na concepção da significação de si, o ideal romântico citado passa a ser não só irrealizável como também não assimilável, estabelecendo o paradigma entre a liberdade no pensamento de Sartre e o projeto de unificação de dois eus proveniente do amor romântico. De acordo com Pretto et al. (2009), é a impossibilidade de anular o outro como liberdade que provoca o amante a aprisionar e transformar a liberdade do ser amado.

Sartre (2011) aponta que o amor seria antes de qualquer coisa um empreendimento, ou seja, um projeto de si mesmo a partir do outro e envolto pelo conflito. É um projeto individual rumo à possibilidades próprias em que o conflito se instala no momento em que a liberdade do outro se apresenta. Dois sujeitos com liberdades e projetos a serem realizados encontram-se, sendo que um será o limite do outro. Nesta relação de dar-se significado e sentido os dois passam a se objetivar limitando transcendências e coisificando-se de forma consentida. Se o amante projeta realizar a unidade com o outro, isso significa que projeta assimilar a alteridade do outro, enquanto tal, como sua possibilidade

própria. Assim, nega que o outro o constitui e quer torná-lo idêntico a si, capturando sua liberdade. Entretanto, fracassa em seu intento, pois:

A unidade com o outro é irrealizável de fato. Também o é de direito, porque a assimilação do Para-si e do outro em uma única transcendência do caráter de alteridade do outro (SARTRE, 2011, p.456).

O amor, contrapondo-se ao desejo que visa à apropriação física do outro, é uma forma superior de relação entre os sujeitos, pois, visa à troca, evidenciando ainda mais o conflito original, no qual, quem ama não quer possuir o ser amado apenas como uma coisa, quer um tipo especial de apropriação, a liberdade como liberdade. É este tipo de apropriação que se torna impossível, no sentido que não se possui liberdade sem fazer com que essa deixe de ser liberdade, em outras palavras, não se entrega a liberdade a alguém e continua-se sendo livre. Esta troca de liberdade a qual os amantes se debruçam é uma troca contraditória, colocando-os ao mesmo tempo como livres e escravos, fadando ao fracasso do empreendimento (MACIEL, 1986).

Não se escolhe ser amado, eis a partir de então a segunda facticidade vivenciada pelo sujeito. Exatamente por ser fato consentido tomando a decisão de se deixar amar por livre compromisso que o indivíduo se torna responsável pela relação. Assim, vivencia-se um limitar de liberdade já que ao se apaixonar acaba-se por aprisionar a liberdade do outro buscando que esta se converta em amor. Para Sartre (2011), o que se pretende é uma liberdade que queira por livre vontade ser aprisionada pelo sentimento de amor. O amante quer ser o mundo daquele que ama e no meio de todos os objetos que o permeiam ele aceita ser objeto primordial transcendendo todos os outros, passa a ter maior valor sendo fonte de sentido e pelo qual o mundo existirá para o outro, saindo da condição de pano de fundo para tornar-se aquele em que o mundo se revela. Dessa forma, ser amado é querer situar-se muito além de todo sistema de valorização e é por este que fato que ao se aceitar como um ser-Para-outro o indivíduo passa a assumir seu valor como ser-no-mundo (SARTRE, 2011).

Ainda que limitado por sua facticidade a contingência dos encontros faz com que a existência passe a ser justificada pela presença deste indivíduo que traz felicidade tornando-se

amor no mundo. Para Sartre (2011), aos poucos o amante vai desejando ser a escolha absoluta do amado, ou seja, o ser-no-mundo do amado deverá se tornar um ser-amante, escolhendo-o sobre todas as coisas. Percebe-se novamente que a perspectiva sartreana de amor se distancia das questões ligadas a almas gêmeas ou o fato de pessoas nascerem umas para as outras como postula o amor romântico. Nos momentos em que fala de relações entre sujeitos coloca sempre a condição de escolha como fato imprescindível até mesmo ao tratar da facticidade. Assim, estar com outra pessoa somente ocorre a partir de uma escolha originária e não por razões sem consentimento do sujeito como se fosse algo mágico e predestinado a acontecer.

É neste raciocínio que Pretto et al. (2009), retrata o amor vivenciado como uma justificação da existência que isenta os amantes de fazer algo de si, criar-se e criar o mundo, pois o amante já não é mais um indivíduo que transcende, torna-se absoluto, ou seja, ausenta-se do mundo em que o outro o objetiva e passa a pertencer a um mundo que contém em si todas as possibilidades próprias e as do outro, de forma que tudo estar condicionado à sua facticidade, àquilo que é. Com o passar do tempo as relações acabam se tornando mais próximas e a condição outro-objeto é superada, pois, a “apropriação de um objeto no meio do mundo não poderia ser confundido com amor” (SARTRE, 2011, p.467).

Desta maneira não se deseja conquistar um corpo, mas uma subjetividade. O amor só acontece no momento em que há um encontro entre duas subjetividades que projetam serem amados e amar, ou seja, amar em sua essência é o projeto de fazer-se a amar. Assim, tentar diminuir o parceiro a dimensão de objeto faz com que sua possibilidade de ser amado desapareça. No amor romântico geralmente o amado é visto de forma tão superior a ponto de ser a única razão para que o amante viva, este tipo de situação o colocaria como objeto de desejo do outro o que para Sartre configuraria uma impossibilidade de relação, pois como citado acima, o amor só se dá a partir de duas subjetividades e não por meio da temática sujeito-objeto.

Até então esse empreendimento de fazer-se amar funciona e o amante se satisfaz em seu projeto. O primeiro problema surge quando se percebe que o outro a quem se ama também tem como projeto ser amado, neste sentido igualmente irá exigir amor instalando-se o confli-

to. A segunda problemática é a de que quando vistos por terceiros, cada qual irá experimentar a objetivação não somente de si, mas também a do outro, visto que as pessoas passam a comentar sobre o casal objetivando-os. Sartre (2011) comenta então sobre a tríplice destrutibilidade do amor, sendo a primeira um logro e uma remissão ao infinito, posto que amar é querer ser amado ao mesmo tempo em que implica amar, visto que o outro também exige amor. Logo depois surge a insegurança, pois a qualquer momento o outro poderá objetivar o parceiro, não mais vendo-o como subjetividade. E por último, a presença de outras pessoas, sendo que para que o amor conservasse seu caráter de eixo absoluto os amantes deveriam estar sozinhos no mundo longe dos demais olhares.

Estes fatores contribuem para que aos poucos o indivíduo passe a se projetar como eu-objeto, fazendo com que se feche no Em-si não mais vivenciando suas possibilidades e, nesta temática, Pretto et al. (2009) destaca o posicionamento de Sartre ao analisar a experiência amorosa a partir de duas atitudes, o sadismo e o masoquismo caracterizando-as como relações sadomasoquistas na qual há a renúncia da própria subjetividade ou à do outro.

Nesta busca por ser objeto e pano de fundo no mundo do outro o sujeito tenta vivenciar somente sua objetividade na relação com o parceiro, porém visto que o outro o objetiva acaba por se deparar com sua própria subjetividade. Por este fato, o masoquismo para Sartre é fadado ao fracasso. Ainda que se tente vivenciar a objetividade, o outro sempre será fator imprescindível na construção da subjetividade. Ainda para Pretto et al. (2009), o amado ao projetar ser absorvido pelo outro perde-se na subjetividade deste para desprender-se da própria subjetividade, renuncia a si mesmo como um Para-si (liberdade) e permanece no Em-si (objeto). Assim, sofre frente as exigências do amor do outro para mostrar sua condição de submissão à liberdade deste.

Esta é a essência do masoquismo sartreano, que comentado por Maciel (1986), retrata que o sujeito quando passa de transcendente para transcendido espera apenas que o outro o justifique como coisa (Em-si), contendo-se neste objeto, o que a princípio pode ser adotado como uma tática, que de acordo com o autor, Sartre chama de sedução. O sujeito permanece na condição de objeto para seduzir a transcenden-

cia do outro, capturar-lhe a subjetividade e depois impor-se como liberdade. Ao notar que a tática não pode ser concluída, pois o outro resiste até o último momento, o sujeito então renuncia o Para-si deixando-se fundar pelo Em-si. Desta forma, Sartre (2011) evidencia que o sentido do conflito será deixar transparecer a luta das duas liberdades confrontadas, o que também não deixará de causar certa frustração, pois no momento em que se afirma a liberdade frente ao outro este volta a se tornar um objeto.

Além da relação masoquista há o sadismo, sendo outra forma de tentar abandonar o conflito na relação amorosa, Pretto et al. (2009) apresenta a seguinte conceituação perante ao que apresenta como atitude sádica: “A renúncia não é mais a si mesmo, mas sim, à transcendência do outro. O amado detém-se em aprisionar o outro na facticidade, na contingência, como corpo aprisionado (...) subjetividade aprisionada” (PRETTO et al. 2009, p.399). Se anteriormente a preocupação estava em sanar as dificuldades subjetivas, no próximo momento a problemática será dada a partir de algo material, ou seja, pelo próprio corpo. Como afirma Sartre (2011, p.484), “é um apetite voltado para o corpo do outro, vivido como vertigem do Para-si ante seu próprio corpo; e o ser que deseja é a consciência fazendo-se corpo”.

Neste segundo movimento o desejo toma forma nas relações e é por meio dele que os indivíduos realizam seu intento na apropriação do corpo do outro mediante contato físico. O que torna este momento interessante é compreender que conhecendo e tocando o corpo do parceiro o sujeito acaba por encontrar-se a si mesmo, nesta relação corpo a corpo passa a entender e aprender mais de si, sendo que “o desejo se expressa pela carícia assim como o pensamento pela linguagem” (SARTRE, 2011, p.485). Se possui então o corpo do outro na busca de tocar sua livre subjetividade na medida em que a consciência deste se identifique consigo.

O relacionamento baseado no sadismo não busca exigir a abolição da liberdade do outro, mas sua servidão por meio da identificação. Novamente o autor propõe este tipo de conduta como fracassada, pois no momento em que se intenciona tomar e apropriar o corpo do outro o indivíduo passa a ter que agarrá-lo e mordê-lo, convertendo o parceiro em um instrumento no meio do mundo trazendo-o de volta a sua posição de objeto. Percebe-se que tentar transcen-

der o conflito entre outro-sujeito e outro-objeto passa a ser inconsistente, visto que não importando a atitude adotada, seja estar entre o olhar ou o ser visto, coloca o sujeito em estado de instabilidade frente ao outro que por princípio é inapreensível. Dessa maneira, a liberdade do parceiro, para Sartre (2011), iria se converter em transcendência-transcendida pelo fato de ter sido constituída pelo sujeito que o olha. Maciel (1986) retoma este ponto destacando que o sádico descobre o fracasso de seu intento quando o olhar do outro o faz experimentar a própria alienação de seu ser na liberdade deste.

As tentativas de driblar os conflitos minimizam a liberdade individual, transformando sujeitos em objetos, aprisionando-os em relacionamentos sadomasoquistas e afastando-os de seus projetos. Por este fato deixar que o conflito ocorra torna-se uma maneira de os sujeitos valorizarem suas liberdades e autonomia frente à relação amorosa (SARTRE, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da temática amorosa após uma breve contextualização faz com que se perceba os nuances perpassados pela temporalidade e as mudanças sociais às quais levam a metamorfose da vivência do amor romântico. Com vista à teoria sartreana, em "O Ser e o Nada", compreende-se que as relações concretas com o outro existem com ênfase no conflito entre os amantes.

Neste sentido o amor é conflito, pois o empreendimento de amar faz parte de um projeto que ao ser levado a cabo busca aprisionar a liberdade daquele a quem se ama, sendo que desta forma o amante somente se sente satisfeito com a submissão do amado. As relações amorosas para Sartre são então baseadas em condutas sadomasoquistas nas quais a assimilação da liberdade é o fator primário para a instalação deste conflito. Se apoderar da subjetividade do outro é a tentativa de transitar entre olhar e ser olhado, passar de Para-si (consciência) para o Em-si (objeto) em um círculo vicioso rondado pelo amor e desejo tal como sadismo e masoquismo em um caminho sem fim.

Após discorrer sobre as relações concretas com o outro a partir da análise sartreana, fica evidente a visão do autor considerando o amor romântico como um projeto fracassado. Ainda assim, para além do ódio e sofrimento, Sartre

deixa em aberto a existência da possibilidade de relações concretas com o outro não fracassadas ou fadadas ao conflito, como afirma em uma nota de rodapé dizendo que "essas considerações não excluem a possibilidade de uma moral da libertação e da salvação. Mas esta deve ser alcançada ao termo de uma conversão radical, que não podemos abordar aqui" (SARTRE, 2011, p. 511).

A partir dessa consideração do autor, ficam abertos novos apontamentos para a questão amorosa frente à filosofia sartreana que supera a tragicidade do amor romântico. A análise aprofundada de termos como: moral da libertação, moral da salvação e conversão radical, pode ser o ponto de partida para a retomada do tema apontando para outros horizontes de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- BRANDEN, N. **A Psicologia do Amor**: o que é o amor, por que ele nasce, cresce e às vezes morre. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- BRAZ, A. L. N. Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. **Estudos de Psicologia**, Campinas. v. 22 n. 1 jan./mar. 2005.
- DUBYS, G. **Amor e sexualidade no ocidente**. Lisboa: Terramar, 1998.
- FRANCISCO, A. C. **O amor em mal-estar**: a insustentável leveza da domideologia. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.
- LUHMANN, N. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.
- MACIEL, L. C. **Sartre**: vida e obra. 5. ed. São Paulo: Vozes, 1986.
- OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicologia em Estudo**. Maringá, vol.14, n. 4 out/dez. 2009.
- PLATÃO. **O banquete**. 3. ed. Portugal: Europa-

America. 2000.

PRETTO, Z.; MAHEIRIE, K.; TONELI, M. J. F.
Um olhar sobre o amor no ocidente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 395-403, abr./jun. 2009.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SIMMEL, G. **Filosofia do amor**. São Paulo: M. Fontes, 2001.

VERISSIMO, L. J. Um olhar entre quatro paredes. Esboço para uma fenomenologia do humano. **Revista de Filosofia SEAF**, Rio de Janeiro, n. 08, p. 161-177, 2009.

AMOR ROMÁNTICO: CRÍTICA DE JEAN-PAUL SARTRE

RESUMEN: Desde el rescate histórico de la configuración del amor romántico, se nota que este se estableció en la cultura occidental sobre la noción de que el ser humano vive su completitud en este tipo de sentimiento. Encontrar a alguien para unirse amorosamente pasa a ser el objetivo principal en la vida humana, basado en los ideales del sentimiento eterno y de estar con el amante hasta la muerte. Es en la reducción de la libertad inherente a la condición humana (ser-En-sí) y en los principios de incompletitud de la existencia que el ser-Para-sí es lanzado a posibilidades del existir. Desde la obra de Jean-Paul Sartre "El Ser y la Nada", este artículo busca realizar una crítica sobre la ideología del amor romántico frente la filosofía sartreana. Se evidencia la forma del amor romántico como un proyecto irrealizable, produciendo relaciones sadomasoquistas basadas en el odio y sufrimiento. Así, discutir el tema del amor romántico frente al existencialismo sartreano lleva a la aproximación y la formación del pensamiento crítico frente a un sentimiento constantemente aclamado por la cultura occidental.

PALABRAS CLAVE: Amor romántico; Sartre; Libertad; Relación sadomasoquista.